

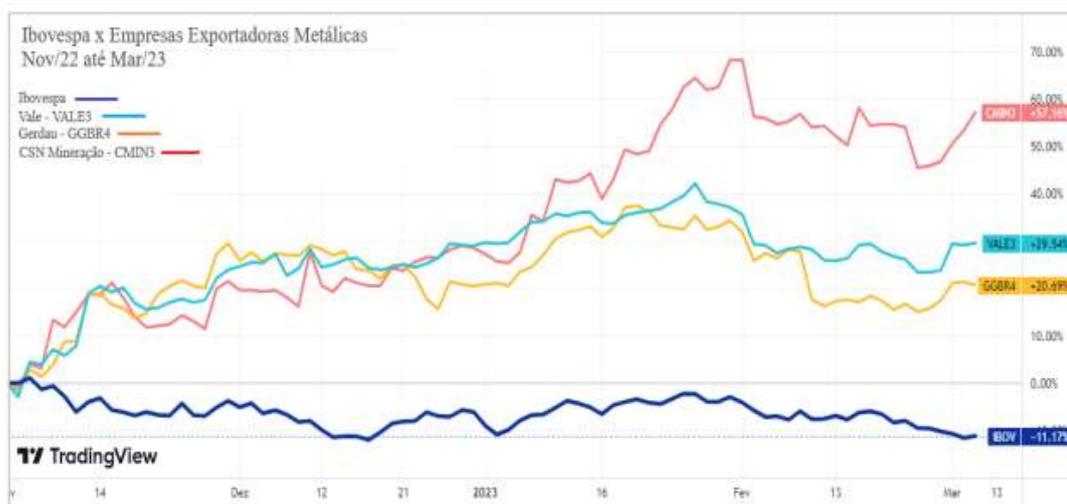
O que marcou o mês de fevereiro na economia e mercado financeiro?

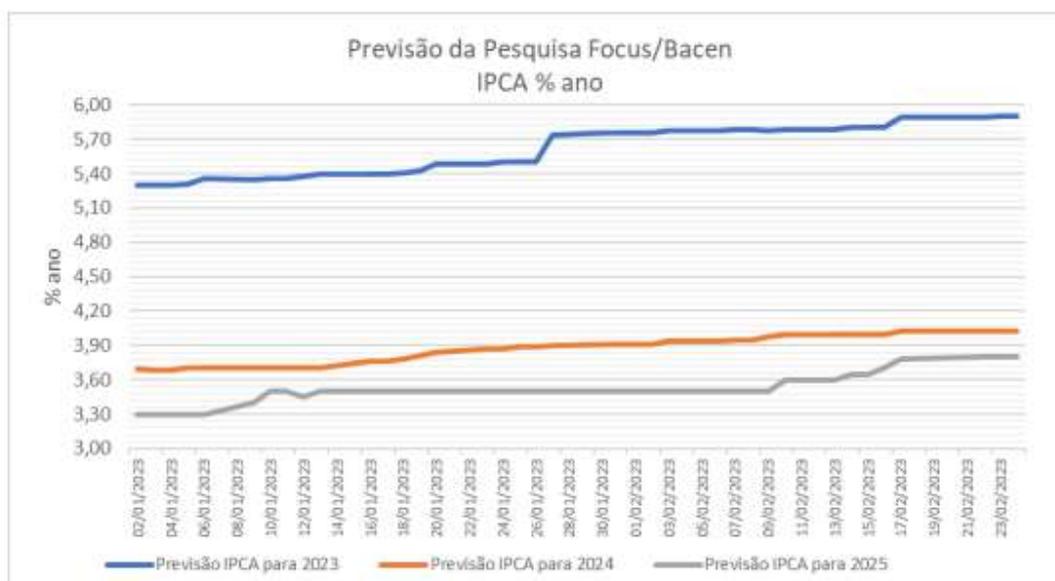
Cenário Mundial Dados americanos e europeus têm reforçado a necessidade de ainda mais juros contra a inflação, fazendo subir os rendimentos de seus títulos públicos. Enquanto a atratividade dos ativos de risco vai sendo retirada pelo nível atual e previsão de manutenção das taxas de juros, as ações de exportadoras de commodities expostas ao consumo chinês vão tentando nadar contra a correnteza. No final do mês, a indústria da China não só voltou a crescer, após seis meses de contração, como mostrou o maior índice de atividade em uma década. O Índice dos Gerentes de Compras Industrial oficial subiu de 50,1 para 52,6 em fevereiro, acima da projeção de 50,5 pontos. O PMI industrial medido pelo setor privado (Caixin/S&P Global) avançou de 49,2 em janeiro para 51,6 em fevereiro, também acima da projeção de 50,2. No índice, valores acima de 50,0 indicam expansão.



Fonte: Investing.com

Até aqui, a retomada da China foi a única tese de investimento capaz de levantar um bloco de ações no Brasil e serviu para amortecer a queda do Ibovespa, principal índice de ações nacional.





Fonte: Bacen

Ao longo do mês, os juros futuros tiveram bastante volatilidade. As taxas para todos os vencimentos oscilaram hora para baixo, hora para cima, ao sabor da inflação projetada, da pressão sobre a independência do Banco Central e da especulação sobre a mudança nas metas de inflação definidas. O mercado sabe que mudanças nas metas não trarão os juros para baixo e vão produzir na verdade pressão de desancoragem da inflação no Brasil. E mais, fizeram preços as incertezas que traduziram o embate dentro do governo entre as alas econômica e política em torno da manutenção do equilíbrio fiscal (volta dos impostos sobre combustíveis). Ufa que mês! Problema pouco é bobagem ou esquentar-esfria. Em entrevista no início do mês, o presidente Lula flertou com o ataque a independência do Banco Central. Desencorajou a autonomia da autoridade monetária e sua missão de defender o valor de nossa moeda, ou seja, manter a inflação baixa. O discurso crítico em relação as metas de inflação e o trabalho do Banco Central foi repetido ao longo do mês. A cada batida, um assopra vindo da área econômica, em especial, do ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Em meio aos desgastes produzidos pelas pressões, o ministro procurou acalmar o mercado em relação ao verdadeiro calcanhar de Aquiles, o resultado fiscal do governo. Afirmou que irá apresentar o novo macroarcabouço fiscal até o final de março, aquele que deve substituir o enterrado Teto de Gastos. Ponto positivo que precisa ser conferido, pelo bem ou pelo mal. Um bom plano, factível e que estabilize a relação dívida pública/PIB será muito bem recebido. Por tudo isso, a bolsa não teve bom resultado este mês. Mas é preciso dizer, ela está barata e sendo negociada a cerca de 5 vezes o lucro (P/L), com preços depreciados em relação aos fundamentos e longe de sua média histórica. O que os investidores estão esperando é um gatilho que destrave os preços e os candidatos mais fortes são certamente: menos ruído político e mais clareza sobre o futuro da condução da política fiscal.



Fonte: R3

No final do mês dois eventos ganharam importância. O primeiro foi a solução para a queda de braço no governo entre as alas política e econômica em torno da reoneração dos combustíveis, seus impactos na política de preços da Petrobras e, por tabela, na inflação. Foram cerca de R\$ 29,0 bilhões em disputa. Venceu a racionalidade fiscal. O segundo, o desempenho do crescimento do Brasil. De forma geral, os números confirmaram a desaceleração econômica do final do ano de 2022. No último trimestre a economia mostrou crescimento negativo de -0,2%. Este ano a projeção do mercado indica um crescimento para o PIB de 1,5%.

Destaques do mês

- Como esperado, o Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central anunciou a manutenção da taxa Selic em 13,75% ao ano.
- O IPC-A de janeiro de 0,53% versus expectativa de 0,57%. Nos últimos 12 meses, o IPCA acumula alta de 5,77%.
- O CPI (inflação ao consumidor) americano de 0,50% em janeiro. Acumulado do ano sobe para 6,4%. • Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que irá apresentar o novo macro-arcação fiscal até final março.
- Ata da mais recente reunião de política monetária do Federal Reserve (FED - Banco Central Americano) apontou que os dirigentes da instituição consideram que a chance de os EUA entrarem em recessão, mesmo que leve, em 2023 permanece elevada.
- O Departamento do Comércio americano divulgou que o PIB cresceu em ritmo anualizado de 2,7% no 4º trimestre de 2022.
- O núcleo do índice de preços de gastos com consumo pessoal (PCE) avançou 0,6% em janeiro ante dezembro. O resultado superou a previsão do mercado O índice PCE é a medida preferida de inflação do FED. O núcleo, na comparação anual, está agora em 4,7%.
- Em dezembro de 2022, o volume de serviços no Brasil cresceu 3,1% frente a novembro. Com isso, o setor ficou 14,4% acima do nível de fevereiro de 2020 (Covid).

- As vendas no varejo registraram queda de -2,6% em dezembro. A segunda queda consecutiva do setor, que em novembro havia recuado -0,9%. No acumulado de 2022, houve alta de 1%.
- A primeira reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) com nova formação aprovou o balanço do Banco Central em 2022, com resultado negativo de R\$ 298,5 bilhões. Nada foi dito quanto à alteração da meta de inflação foi citado na comunicação pós-reunião.
- O IPCA-15 de fevereiro registrou alta de 0,76%. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação do IPCA-15 ficou em 5,63%.
- O IBGE apontou que o Produto Interno Bruto (PIB) do país recuou -0,2% no quarto trimestre e fechou 2022 com alta de 2,9%.
- A Pnad, do IBGE, revelou que a taxa de desemprego do país teve sua décima queda consecutiva, para 7,9%.